

José Honório Rodrigues

O Historiador Combatente

J. S. Witter ()*

José Honório Rodrigues, historiador e professor, é autor de obra vasta e bastante variada. A sua atuação no mundo universitário, na vida da Academia Brasileira de Letras, na sociedade civil foi sempre movida por posições polêmicas. Personalidade marcante, sempre foi visto por alguns como amigo, por outros como adversário. Numa houve consenso sobre o homem e o intelectual José Honório Rodrigues, ou melhor, creio que houve uma unanimidade. Foi quanto à sua atuação como Diretor-Geral do Arquivo Nacional, uma instituição que chega ao sesquicentenário cumprindo a sua maior função: guardar os documentos da História do Brasil, principalmente os papéis, esses "velhos papéis" tão preciosos para a recuperação de nosso passado, e que teve em José Honório um divisor de águas. Há, um Arquivo Nacional antes e outro depois de José Honório.

Ainda estamos vivendo a atuação do homem José Honório para podermos estar suficientemente distanciados e isentos para analisar o autor que nos deixou obra de rara importância. Entretanto, como ele mesmo insistia, o historiador precisa ser um combatente, um lutador, que não fique a analisar o passado procurando a objetividade, impossível de ser conseguida em qualquer cidadão. O historiador é também um homem e sendo ser humano tem afeto, tem sangue, vibra com o que faz e precisa vibrar para criar algo novo. Esta vontade de viver e participar fez do historiador o homem que não se furtava a atuar na Imprensa diária, onde sempre abordou temas da atualidade.

Percorrer um pouco a trajetória deste historiador é acompanhar também a nossa própria História mais recente.

Em 1913 nasceu José Honório. Com 24 anos, em 1937, terminava a Faculdade de Direito, ocasião em que recebeu o Prêmio Erudição da Academia Brasileira de Letras. Premiação que marcou, de forma acentuada, a própria vida de José Honório. Sempre procurou justificar esta primeira vitória e ao longo de sua longa vida, procurou ser o erudito. Se foi bom ou mau para ele e sua vida, quem poderá dizer. . . Mas,

(*) — Professor adjunto de história da USP, historiador.

parece que sempre teve que provar a todos que tudo conhecia; isto o angustiava certamente, se não for distorcida a minha visão da curta e esporádica convivência com J. Honório.

Sua atuação como historiador, é também marcada por sua vida profissional, que fez dele servidor público, jornalista e professor. Foi sempre, basicamente, servidor público. Iniciou sua vida pelo Instituto Nacional do Livro, trabalhando na Seção de Publicações, que era dirigida, então, por Sérgio Buarque de Holanda. José Honório e Sérgio sempre estiveram próximos e distantes, ambos marcaram, sem dúvida, uma época de nossa intelectualidade e certamente mudaram os rumos da nossa Historiografia. José Honório ocupou muitos cargos importantes, dentre eles o de diretor interino da Biblioteca Nacional e diretor efetivo do Arquivo Nacional, como salientamos. Foi também professor do Instituto Rio Branco e professor no Ensino Superior do Estado do Rio de Janeiro, e da Universidade Federal Fluminense. Em São Paulo, atuou na Unicamp e participou de inúmeras atividades acadêmicas na Universidade de São Paulo.

Foi membro efetivo do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, de Institutos Históricos estaduais (efetivo ou correspondente), da Academia Portuguesa de História, da The Hispanic American Society (EUA), da Royal Historical Society (Inglaterra) e da Sociedade Histórica de Utrecht (Holanda). Participou também de uma série enorme de associações nacionais ligadas à História. Também colaborou com inúmeras revistas nacionais e estrangeiras como membro de direção ou colaborador assíduo.

A sua vida ativa, já diplomado por curso superior, é concomitante às grandes transformações por que passou o Brasil. Terminava seu curso de Direito, em 1937, no mesmo ano em que um Golpe de Estado “legitimava” o Estado Novo e confirmava Getúlio Vargas no supremo comando da Nação brasileira. Viveu, portanto, como servidor público e professor, que se distinguia como jornalista, as alterações sociais e econômicas, internamente vinculadas pelas novas orientações político-sociais e externamente imposta pela 2ª Guerra Mundial. Vivenciou as mudanças democráticas, conquistadas através do fortalecimento das nossas instituições com a Constituição de 1946. O processo de redemocratização, o 2º Governo de Getúlio Vargas, que deposto voltou eleito pelo povo, envolveu-o como homem em amadurecimento. Viu a morte de Getúlio Vargas, acompanhou a política de desenvolvimento de Juscelino Kubitschek, participou da vertiginosa ascensão de Jânio Quadros e foi colhido pela renúncia inesperada do político de Mato Grosso e vivenciou a curta euforia de João Goulart e do “Janguismo”, traídos e depostos por mais um golpe, que acompanharia sempre angustiado, desde a subida ao poder dos militares, que dominaram o Brasil de 1964 a 1985, quando surgiria a “Nova República”, que também iria decepcioná-lo e, mais uma vez, angustia-lo.

Em 1940, três anos depois de formado, fará em colaboração com Joaquim Ribeiro, o seu livro “Civilização Holandesa no Brasil”, editado

pela Cia. Editora Nacional. É uma obra premiada e consagrada.

Embora o seu “Aspirações Nacionais, Interpretação Histórico-Política” (1963), como salienta José Roberto do Amaral Lapa, em seu consagrado *“Historiografia Brasileira Contemporânea — A História em Questão”* publicado pela Vozes, em 1981: “ou mais precisamente, conforme nos chamou a atenção Riolando Azzi (*A Interpretação da História do Brasil segundo José Honório Rodrigues*, p. 114 in *Síntese Política Econômica Social — SEPS*, n.º 14) a partir da elaboração dos textos reunidos naquele livro e que datam respectivamente de 1957 e 1960, é que Honório Rodrigues passou a expor de maneira mais polêmica suas idéias sobre uma História engajada”, seja o marco, não é possível entender a “obra engajada” de José Honório se não nos fixarmos nos seus trabalhos anteriores preocupados sempre com as questões das fontes para a História do Brasil e com a Historiografia Brasileira (Teoria da História do Brasil, 1957; Historiografia e Bibliografia do Domínio Holandês no Brasil, 1949; As fontes da História do Brasil na Europa, 1951; A pesquisa histórica no Brasil. Sua evolução e problemas atuais, 1952; A situação do Arquivo Nacional, 1959 — para lembrar somente livros e sem preocupação de arrolar artigos publicados em revistas e jornais.

As questões levantadas nesses trabalhos, a insatisfação com a produção historiográfica no Brasil, as frustrações naturais de um autor e professor militante, devem ter sido fatores a contribuir para a sua posição de combatente da História, que não mais abandonou depois das “Aspirações Nacionais”.

Coincidência ou não “Aspirações Nacionais” surgiu na década de 1960, quando o Brasil passaria a viver novamente um período discricionário, e suas edições esgotadas foram se sucedendo, a primeira em 1963, a 2.ª e a 3.ª em 1965, a 4.ª em 1969. “Aspirações Nacionais” foi inquestionavelmente um marco na vida e na obra de José Honório. O próprio José Honório Rodrigues lembrou, em diversos de seus escritos, mas principalmente na *História da História do Brasil*, que era necessária uma revisão da nossa Historiografia, pois era preciso modificar a imagem repetida, escrita e ensinada de que a nossa História não é cruenta, que não há preconceito e sim integração racial, que a escravidão não foi tão violenta: trazia à tona, como também o fizera Sérgio Buarque de Holanda, a necessidade de dar ao povo o seu lugar na História, entender o cotidiano, rever mesmo certas posturas da visão historiográfica, calcada no pensamento da camada dominante. Sempre se referia a sua “Aspirações Nacionais”, escrevesse ele em 1965 ou 1980. . .

Em 1980, em entrevista ao Jornal do Brasil (2/11/80) pôde José Honório Rodrigues resumir vários de seus pronunciamentos, referindo-se ao golpe de 1964 e suas conseqüências:

“Primeiramente, 1964 não foi uma revolução — foi uma contra-revolução. Diante da ameaça de uma revolução, as minorias dominantes tomavam a dianteira de um movimento que visava fortalecer as condições

conservadoras. A partir de 1935 sobretudo, quando a extrema esquerda brasileira fez o movimento da Aliança Nacional Libertadora, que resultou na Intentona, a esquerda começou a ser esmagada dentro do Exército, desequilibrando-o. O Exército, que sempre teve alas nacionalistas de esquerda e de direita, passa a ser dominado pelas tendências de centro e de direita que vieram a predominar.”

“E daí que, em 1964, o Exército não ficou no centro, tendeu para a direita. Assim que, em 1964 foi um movimento anticonciliatório. Ele rompe com a tradição brasileira de conciliação. . .”

É o militante José Honório, opinando, dando entrevista, mas como reclama José Roberto do Amaral Lapa (História e Historiografia — Brasil Pós-64) de onde tiramos o trecho acima, nem ele fez a História dos eventos da revolução, cuja historiografia está sendo desenvolvida por sociólogos e cientistas políticos.

Seus escritos, livros, artigos, prefácios, sempre foram marcados pelo tom polêmico, questionador, embora sempre carregados de erudição. Erudição que iria marcá-lo desde seu primeiro trabalho, por ser erudito. Continuar erudito deve ter pesado na sua vida, enquanto homem e enquanto autor, pois José Honório tinha uma faceta lúdica, que o fazia amar o futebol e gostar de ir ao Maracanã para torcer pelo Flamengo, time do povo (sempre o povo) carioca. Quanta culpa deve ter vivido por “deixar de estudar” para ir ao campo de futebol.

Nunca ouvi de José Honório qualquer comentário, porém o fato da historiadora Raquel Glezer ter analisado sua obra e a transformado em tese de Doutorado (“O saber e o fazer na obra de José Honório Rodrigues: um modelo de análise historiográfica”, 1977), deve ter-lhe sido muito gratificante. Mormente por ser defendida na Universidade de São Paulo, que lhe era tão cara e onde, por circunstâncias diversas nunca atuou como professor. Ser professor da USP era um sonho seu não-realizado e motivo de uma de suas maiores frustrações. Fora da grande Universidade, talvez por isso mesmo, conseguiu deixar vasta obra e ser o “historiador combatente”, cuja “pregação em que se empenha. . . é sobretudo a de alertar o historiador brasileiro para uma missão que reconhece como a mais autêntica e compatível com a realidade do país, com sua condição de nação em desenvolvimento; a de fazer uma História passado-presente e uma História Moderna do Brasil moderno”. (J. R. Amaral Lapa — História em questão, p.72).

Pensador polêmico, contraditório em certos momentos, José Honório Rodrigues será sempre um intelectual destacado no panorama nacional. Foi e poderá ser ainda atacado por ter atuado em frentes diversas e diferentes; nunca poderá ser criticado por omissão, enquanto historiador. E diga-se, de verdade um *historiador combatente*.